

**DO TEU GOSTO NOTURNO, DA TUA AUSÊNCIA SENTIDA:
HOMOEROTISMO EM *EM NOME DO DESEJO*, DE JOÃO
SILVÉRIO TREVISAN**

**YOUR NIGHT TASTE, YOUR FEELING ABSENCE:
HOMOEROTISM IN *EM NOME DO DESEJO*, BY JOÃO SILVÉRIO
TREVISAN**

Samuel Lima da Silva¹

Recebimento do Texto: 04/01/2022

Data de Aceite: 07/02/2022

RESUMO: Estudo analítico acerca das implicações do sexo no romance brasileiro contemporâneo *Em nome do desejo* (1985), de João Silvério Trevisan, percebendo, por meio da relação homoerótica entre os protagonistas, a forma como o desejo homoerótico é presentificado e delineado na obra em questão². Sexo, gozo e inocência aparecem na narrativa de maneira paulatina, engendrando mecanismos estético-simbólicos que esboçam a descoberta da sexualidade, bem como do corpo enquanto território inóspito de prazer e, potencialmente, complexo. Nessa proposta, as teorias de Bataille e Foucault serão acionadas, de modo a traduzir assertivamente as tópicas abordadas no romance escrito por Trevisan.

PALAVRAS-CHAVE: Em nome do desejo. Romance brasileiro contemporâneo. Homoerotismo. Sexo. Inocência.

ABSTRACT: Analytical study about the implications of sex in the contemporary Brazilian novel *Em nome do desejo* (1985), by João Silvério Trevisan, realizing, through the homoerotic relationship between the protagonists, the way in which the homoerotic desire is presented and outlined in the work in question. Sex, enjoyment and innocence appear in the novel written by Trevisan in a gradual way, engendering aesthetic-symbolic mechanisms that outline the discovery of sexuality, as well as the body as an inhospitable and potentially complex territory. In this proposal, the theories of Bataille and Foucault will be activated, in order to assertively translate the topics addressed in the novel written by Trevisan.

KEYWORDS: Em nome do desejo. Contemporary brazilian novel. Homoeroticism. Sex. Innocence.

1 Doutorado e Pós-Doutorado em Estudos Literários. Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *campus* universitário de Tangará da Serra. Contato: samuel.lima@unemat.br

2O presente artigo é um recorte capítular e reconfigurado de minha Tese de Doutorado, “*Hei de confessar-te um dia o meu desejo*”: o romance homoerótico brasileiro contemporâneo e a estética da absolvição, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL/ UNEMAT, em março de 2019.

*Morrer de amor
ao pé da tua boca*

*Desfalecer
à pele
do sorriso*

*Sufocar
de prazer
com o teu corpo
Trocar tudo por ti
se for preciso*

(Maria Teresa Horta)

Do corpo violado/ Do gozo escarnado

O enredo de *Em nome do desejo* vincula a ideia de corpo a uma espécie de correlação quase total com o sagrado. Tanto na parte inicial do livro, que antecede o envolvimento entre os protagonistas, quanto na segunda fase, quando estes já estão unidos, o corpo é percebido como um território, um lugar em que as encruzilhadas da vida e da idade se evidenciam. O corpo presentifica a ideia de sexo, de deboche, mais necessariamente, de pecado. Deter-nos-emos na prática sexual entre ambos os meninos, Tiquinho e Abel, protagonistas do romance, de maneira a entender como a relação homoerótica ocorre na narrativa trevisaniana.

Inicialmente, há que se pensar em Tiquinho, personagem narrador, como habitante de uma guerra, haja vista ser uma vítima tanto do processo heteronormativo e opressor, como do pensamento obsessivo católico. Nesse ensejo, Rougemont assinala que, na guerra, o “homem é apenas o servo do material; ele próprio passa à condição de material” (1988, p. 221). Essa argumentação redimensiona à narrativa em questão, precisamente por catalisar no homem uma posição *objetivada* ou, mais didaticamente, *coisificada*. Nessa condição de material a que o autor se refere, pode-se constatar, na narrativa de Trevisan, uma espécie de movimento – embora sutil – dessa materialidade do sujeito amoroso.

Pode parecer estranho que, nesse momento da discussão, seja afirmado que o discurso do amor foi camuflado por outro tipo de discurso, mas esse

estranhamento logo se dissipa ao se ter ciência de que se está frente a uma obra literária que coloca o amor em vias de desolação, vinculando-o a uma assolação do corpo, mais especificamente, a uma decrepitude percebida proficuamente em narrativas homoeróticas brasileiras³ do século XX.

Na realidade de *Em nome do desejo*, observa-se o protagonista em uma descoberta não apenas da sexualidade, do gozo, mas também de seu próprio corpo, conhecendo-se, percebendo suas áreas erógenas e a vertigem do orgasmo. Inicialmente, percebamos como se deu o prelúdio da relação sexual entre Tiquinho e Abel.

Logo que se reencontraram, ocorreu algo como o despertar-se de um caldeirão fervilhante. Ambos se queriam corpo a corpo. A atração de Tiquinho superou seus escrúpulos – pelo menos provisoriamente. Ensaivavam toques furtivos, já atingindo águas mais profundas. Viam-se rapidamente no lavatório, onde Abel expunha de relance suas regiões inexploradas. Tiquinho sentia vertigens de gozo, que não eram exclusivas dele, naturalmente. Em Abel, acentuava-se o brilho felino dos olhos, agora reluzentes no negrume profundo. Escolheram a mesma equipe de limpeza do dormitório. E era com alegria voluptuosa que mergulhavam juntos o pano de chão no balde e ficavam apertando-se as mãos, deliciados com água e sabão. (TREVISAN, 2001, p. 188-189).

A relação entre ambos os personagens é iniciada pela descoberta do corpo, mais precisamente, pelos caminhos do desejo. Tiquinho está em plena puberdade, da mesma forma que Abel, mas aquele ainda desconhece muito do profundo labirinto que é o corpo humano, enquanto reduto de prazer sexual. Na passagem supratranscrita, os personagens voltam a se encontrar após um pequeno período separados, mas, desta vez, com Abel já tendo a certeza acerca do sentimento do colega. A abertura para o sexo entre os garotos pauta-se na inocência, paulatinamente, por meio do toque, do cheiro e da proximidade entre os personagens. É o prelúdio que colocará ambos em processo de desolação.

3 De maneira mais objetiva, quando se trata de enredo homoerótico, o processo de decrepitude do corpo tem se tornado uma constante na literatura brasileira contemporânea, principalmente do final da década de 1980 até a metade dos anos 1990. O corpo é sempre associado à podridão, ao mau cheiro, ao seu uso abusivo e corrosivo. Primordialmente, o gaúcho João Gilberto Noll desponta como o escritor que melhor traduz essa questão em sua prosa.

Da mesma forma como ocorre em todo o romance, a alusão à Santa Teresa ou a qualquer proposição religiosa perpassa a iniciação sexual dos jovens. Tudo é medido pela pedra de toque que é o desejo – ou seja, o corpo é movido pela volição –, sendo que este não se sacia mesmo quando aplacado. Nessa perspectiva, a chave de leitura que permite realizar uma compreensão mais aprofundada já é proporcionada no título do próprio romance. As aventuras pelas quais passa o protagonista não são movidas pelo amor ou por outro sentimento que o valha: tudo no enredo trevisaniano é calcado no desejo, isto é, não é em nome do amor que o seminarista caminha rumo ao abismo de uma relação homoerótica em um seminário, mas em nome do desejo: “Quase trinta anos depois, poderia se dizer que se tratava da presença inconfundível do desejo ali espocando” (TREVISAN, 2001, p. 188). Esse trecho é um dos raros momentos em que o Tiquinho adulto insere-se nas respostas sobre seu passado, a fim de refletir acerca de algum ponto em específico, iluminando-se pela maturidade do presente.

Deter-nos-emos, neste instante, em um excerto da narrativa carregado de simbolismos e referências a um intenso discurso religioso, que recobre e, simultaneamente, descortina o relacionamento amoroso entre os personagens. O trecho a seguir refere-se à dificuldade em encontrar um espaço adequado para o namoro dos dois, no entanto, é possível perceber que há um forte paralelo em intertextualizar o homoerotismo com o mito bíblico não apenas de Adão e Eva no paraíso, mas também com outros personagens presentes na diegese bíblica. Logo a seguir, é possível apreender a correlação existente entre o desejo carnal homoerótico associado à ideia de pecado:

Onde é que tinham seus encontros, além do dormitório (nas madrugadas) e lavatório (furtivamente)?

— Aí estava o problema. Fizeram intensas pesquisas para escolher um lugar onde pudessem estar inteiramente juntos. Começaram frequentando os porões na frente das bolarias. Além de quase serem descobertos, certa vez, por um prefeito especialmente fanático com a vigilância noturna, eles se sentiam ameaçados por ratos, aranhas e cobras. Apesar de limparem um espaço, de deixarem um toco de vela aceso, não podiam evitar essas presenças estranhas. Muitas vezes, enquanto Tico e Abel se beijavam, esfregavam e resfolegavam,

os ratos passavam guinchando e atropelando o seu amor. Desistiram do portão, definitivamente, na noite em que Abel quase pisou numa cobra-coral já em posição de ataque. Daí resolveram optar pelo ar livre. Passaram a amar-se no eucaliptal. Para onde levavam cobertores – mesmo por que o outono tardava e as noites ainda eram claras, mornas. Daí por diante, o eucaliptal tornou-se o lugar predileto do seu amor, que passou justamente a se confundir com o perfume forte dos eucaliptos. (TREVISAN, 2001, p. 190-191).

A busca por um local em que pudessem viver sem receios o namoro parece demarcar, de igual forma, a jornada pela qual Tiquinho passara desde sua separação de Abel, até descambar no atual orfanato que ocupa o seminário de outrora. Aqui, o porão merece destaque, pois também aparece em demais situações, sempre como um espaço fúgido, relativo a perigo, sendo justamente ali que se concentram as estátuas antigas de santos, anjos e demais entidades que permeiam o imaginário católico/cristão. Em contrapartida, há os encontros posteriores realizados no eucaliptal, uma espécie de jardim carregado de odores, que se configura como catalisador de paz interior nos personagens.

Sob esse plano diegético estruturado em dois, é possível destacar também a existência de duas analogias ao contexto bíblico: a da representação do inferno⁴ e, posteriormente, do paraíso. Tal representação é acentuada não apenas pelo fato de o romance ser ambientado em um seminário, mas, principalmente, em razão da maneira como é feita a descrição dos locais e, sobretudo, dos perigos aos quais os meninos estão sujeitos. Nesses espaços representativos, o corpo e o gozo vão sendo articulados de maneira a se sobrepujarem como canal para as recordações do protagonista em sua fase adulta.

No tocante ao primeiro espaço, o da bolaria, a representação do perigo é entrevista, primordialmente, na imagem da cobra-coral, descrita como serpente na diegese bíblica: “Desistiram do portão, definitivamente, na noite em que Abel quase pisou numa cobra-coral já em posição de ataque”. O risco iminente de Abel ser picado parece representar a relação entre Adão e Eva, no Éden, envoltos na persuasão da serpente que convence Adão a provar do fruto proibido. Essa camada de discurso que encobre a narrativa pode ser justificada por uma ânsia pela

4 Cf. *Inferno*, primeira parte d' *A Divina Comédia*, de Alighieri, texto canônico que aborda mais proficuamente essa questão.

desmistificação da homossexualidade enquanto pecado, obstruindo, por meio da Bíblia, alguns paradigmas sociais que são rígidos pela heteronormatividade.

Em oposição, no segundo espaço, aquele percebido como o eucaliptal, há a representação do paraíso, da paz, do incólume, em que os personagens vivenciam a relação em sua plenitude. Assim, na contramão da bolaria, o jardim de eucaliptos, com suas noites “claras e mornas” e com seu “forte perfume” advindo das flores, passa a ser o recanto em que os protagonistas saem da esfera do risco, do perigo e da ameaça de captura.

Tais dialéticas – inferno e paraíso – configuram-se na medida em que o corpo é percebido como regulador desse processo de vivência em locais distintos. O gozo em *Em nome do desejo* advém do sexo em situações de risco, em lugares exclusivos e potencialmente hostis. Independentemente desse arrojado, o homoerotismo entre os personagens aflora e desemboca em corpos que se atraem e necessitam, urgentemente, consumirem-se. A puberdade é afoita, caótica, carece quase sempre do imediato para se realizar. Dessa forma, o gozo escarna e rompe com as barreiras do interdito, do proibido, representando o homoerotismo como regulador de todo o desejo presente no romance.

Os pesquisadores Maria de Fátima Falcão e Flávio Camargo, em pesquisa publicada acerca do romance de Trevisan, assinalam que “O pecado era combatido com a disciplina e o regulamento. O paletó, por exemplo, só não era usado nos horários de recreio; mesmo nas filas, cada uma tinha que ter uma distância de dois metros de uma para a outra, os garotos, por sua vez, a meio metro um do outro, quando em fila” (2016, p. 128). A argumentação feita pelos autores refere-se, principalmente, ao processo disciplinar ao qual os seminaristas estavam sujeitos. Tal disciplina, regida com total severidade por parte dos ministros, acabava por criar nos jovens seminaristas o gosto pela transgressão, pela iminência do *crime*, pois, tamanho rigor direcionado a adolescentes resulta no interdito como ato de desejo, de violação.

Nesta parte, traremos muito das prerrogativas que Foucault elabora em sua obra intitulada *Vigiar e punir*, principalmente pelo fato de o autor perceber o corpo associado às dimensões que o relacionam a processos de tortura, disciplina e imagnetização da punição ao longo dos tempos. Foucault percorre um caminho em que averigua a forma como os rituais de punição foram evoluindo ao longo

dos séculos, deixando o severo molde punitivo corporal ceder lugar às formas de punição relacionadas à disciplina, as quais são mais didáticas, porém, não menos opressivas.

No capítulo em que dedica sua argumentação à disciplina, o autor percebe algumas instituições como molas-mestras do esquema de disciplina punitiva, que, tal como supracitado, funciona como a evolução das punições severas dos séculos anteriores, nas quais a tortura e o suplício se sobressaíam. Na perspectiva de Foucault, há um entendimento do corpo como instrumento de manipulação da disciplina, mais especificamente, como espelho em que se deve refletir a organização e a estrutura dos códigos disciplinares vigentes. O autor assevera que

O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais que da física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não da mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações funcionais. (FOUCAULT, 1987, p. 180-181).

Perceba-se, por meio da argumentação do filósofo, algumas funcionalidades da ideia de corpo no romance de Trevisan, principalmente no que diz respeito às normas e ao sexo. Foucault trabalha, conforme afirmamos, com a argúcia do corpo enquanto demonstrativo de algum tipo de rigor disciplinar ao qual é submetido; em contrapartida, *Em nome do desejo* recupera essa ideia de ditames disciplinares, ou, mais especificamente, esses “mecanismos do poder”, no entanto, mescla-a com a sexualidade, de modo mais preciso, com o desejo homoerótico. O corpo, para Foucault, responde com perfeição ao processo de disciplina, movimentando-se de acordo com as imposições dadas por seu superior. Em Trevisan, essa disciplina ditatorial é atingida, principalmente, na primeira parte do romance, quando o narrador demonstra o ferrenho regulamento do seminário – desde a divisão dos seminaristas até a rotina didática que cada um deve cumprir.

Há, no entanto, contido nesse processo, conforme já abordado anteriormente, a incitação à violação desses interditos, à quebra das proibições

vigentes. É justamente nessa condição que o homoerotismo adentra na perspectiva de corpo violado e prazer, traduzidos pelo romance. O corpo eleva-se de nível, deixando de ser apenas um representativo do poder de dominação para ser objeto de violação, de veneração e de descoberta; o que outrora deveria figurar como perfeição ileso da conduta, passa a configurar-se como transgressor. Prosseguindo nessas proposições, há um trecho específico da narrativa em que o corpo de Tiquinho responde às investidas de Abel durante e após o sexo:

Quer dizer que afinal escorreu sangue de amor, no duelo entre os dois?

— O duelo já não importava. O certo é que houve sangue. E Tiquinho queria mais. E era insaciável o desejo de ambos comungarem-se até que nada sobrasse de si – nem do outro. Em cada uma dessas noites sacrossantas, **Abel deliciava-se em ostentar sua nudez, quase como início do ritual.** E Tiquinho, o adorador, esbugalhava os olhos, aproximava-se com recolhimento e fervorosamente repetia aquele gesto secular de dois se tornarem um. (TREVISAN, 2001, p. 204). (grifo nosso).

No excerto supratranscrito, o desejo e o fetiche configuram-se como iminências da relação entre ambos, tornando Tiquinho o “adorador” do corpo do Outro. Há, também, nessa relação, a imposição das figuras de *ativo* e de *passivo*, sendo o narrador aquele que desempenha o papel *feminino* da relação. Essas demarcações não parecem ceder a um caráter de rebaixamento da relação homoerótica em voga, mas demarcar essa separação sexual apenas como exemplo de imaturidade dos personagens. O corpo é percebido, literalmente, como um território, com registros de sensações, marcas do passado assumidas e potencializadas pela presença do delírio. Quando utilizamos a expressão *corpo violado* e *gozo escarnado* é justamente em decorrência de a violação ocorrer como quebra em relação ao processo disciplinar ao qual os personagens estão sujeitos.

Aqui, o corpo representa uma selva ainda não desbravada, mais precisamente, um território ainda por se fazer, tendo em vista a tenra idade dos protagonistas. Em “Abel deliciava-se em ostentar sua nudez, quase como início do ritual”, é possível perceber a demarcação de papéis na relação, da mesma forma

como também são perceptíveis a ironia e o deboche na construção erótica da cena. Abel tem ciência da admiração e devoção de Tiquinho, e, de posse dessa certeza, estabelece uma hierarquia erótica pouco convencional e bastante punitiva ao amado.

Embora Tiquinho não se importe em receber as agruras desse relacionamento, essa maneira, por vezes hipócrita e presunçosa por parte de Abel, acabará por ser uma das principais causas que fará com que o narrador sofra a desolação final, relativa à ausência e ao repúdio de Abel. Dessa forma, ainda centrado no trecho transcrito, há que se perceber a edificação de um elemento que se apresenta quase como indutor da violação do corpo e do gozo no romance: o deboche.

O deboche deve ser mensurado, em *Em nome do desejo*, em seu sentido etimológico, e não no sentido comum, tal como geralmente tem sido empregado ao longo das décadas. Deboche é aqui compreendido como conduta sexual relativa à crítica social, isto é, o sexo e suas artimanhas sendo praticados como canalizador de algum tipo de disfunção social. Dessa forma, quase toda a relação homoerótica presentificada no enredo se dá por meio de uma diatribe social, seja no campo da religião, seja no da sexualidade.

O espaço do seminário, com toda a sua disciplina e normatização, regido pelos princípios divinos e pela ideia de salvação, possui em suas engrenagens não apenas a relação homoerótica entre os protagonistas, mas também diversas outras que são abordadas no decorrer da narrativa. Um ambiente potencialmente masculino (há apenas um trecho, curtíssimo, em que a presença feminina é vista), orquestrado pela ética do bom comportamento e pela moral cristã, desregula-se a partir do instante em que a conduta e o desejo homossexuais são sentidos e praticados. É propriamente nesse limiar que o deboche trevisaniano corporifica-se, passando a permear toda a obra.

Além dos momentos em que os protagonistas praticam sexo, provavelmente o ápice do deboche ocorre na descrição do surto de masturbação que ocorreu no seminário. A maneira como o narrador adulto expõe essa “pandemia” perfaz uma ironia e comicidade que o leitor devidamente toma por reprovação a algum tipo de paradigma social relacionado à heteronormatividade, ou a alguma crítica ao pensamento cristão; o surto configura o deboche da matéria contra a alma.

A seguir, procedemos a uma colagem (em função de o trecho, em sua íntegra, ser demasiado longo) com alguns momentos em que o narrador desfia suas memórias sobre como fora o surto de masturbação no seminário: “Naquele tempo, o terror do fogo eterno equiparava-se à impetuosidade com que o magma jorrava dos pequenos corpos ansiosos de santidade e prazer”; “A memória guarda quase intactos os gemidos mal reprimidos que enchiam o lavatório, nas últimas sessões de banho”; “Primeiro banheiro à esquerda: Lourival masturbava-se quase sem tirar o pinto fora da calça, numa técnica apropriada para deixar o pecado menos evidente”; “Segundo banheiro à direita, masturbava-se Toninho, cuja mão esquerda funcionava com extrema agilidade”; “Quarto banheiro à direita... que surpresa! Vêem-se dois, no quarto banheiro, que era o mais escuro e resguardado: dois rapazinhos, de olhos arregalados ao simples toque mútuo de suas varas rijas, ameaçavam levitar como se tocassem seus pontos mais sagrados”. (TREVISAN, 2001, p. 74-75).

Em todos estes recortes citados, o deboche se encontra intimamente associado ao corpo, ao desejo em erupção, à pele que necessita do toque. O narrador não economiza na ironia e nas ligaduras com a questão da religião, descrevendo rituais de prazer que conspiram a ideia de rigidez e castidade que é pregada no seminário. O deboche é entrevisto na mescla entre as práticas sexuais realizadas em um ambiente tido como sagrado, ainda mais por jovens adolescentes tidos como escolhidos de Deus. A transgressão às leis – não apenas as disciplinares, mas, principalmente, as divinas –, para além do deboche explícito, resulta no corpo como principal meio de infração.

Georges Bataille certifica ser “verdade que o Evangelho encoraja a suspensão de interditos formais, praticados ao pé da letra, enquanto o sentido lhe escapa. Trata-se, nesse caso, de transgredir uma lei que, apesar de se ter consciência de seu valor, nega-o assim mesmo”. (2006, p. 59). O autor aborda uma diferenciação entre o sacrifício e os liames da transgressão, tomando como referência o ato de crucificação de Jesus Cristo. Entretanto, quando afirma que o evangelho encoraja a suspensão dos interditos formais, é possível notar – tendo como base a plataforma narrativa de *Em nome do desejo* – essa “suspensão” como uma incitação ao ato de transgredir, mais necessariamente, percebendo essa suspensão em território religioso como uma válvula de escape para o homoerotismo latente na trama.

O sacrifício na narrativa não é o religioso, haja vista este ser algo gerado automaticamente após a transgressão, mas o amoroso, evocado principalmente pelo desejo. Os personagens não estão somente em um ciclo de transgressão da sexualidade imposta pela sociedade, mas também em uma violação de vértice tripla, a saber: da religião; da sexualidade; e da falsa moral. O corpo, então, como instrumento de violação, acaba por ser rememorado, pelo narrador adulto, ainda com resquícios de saudade, mas, sobretudo, de prazer. A memória, tal como o próprio narrador descreve, ainda guarda as sensações do toque, do arrepio e do gozo vivenciados ao lado de Abel.

Referências

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad.: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FALCÃO, Maria de Fátima Lopes Vieira e CAMARGO, Flávio Pereira. “Eu amo Abel como a mim mesmo e o amor de Jesus é o mesmo dentro de nós”: a dessacralização do divino na obra *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan. In: MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (org.). *Literatura, homoerotismo e expressões culturais*. Ilhéus, Editora da UESC, 2015, p. 165-190.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad.: Alain François [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUGEMOUNT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SCHPUN, Mônica Raissa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976.